

“Catolicismo insaciável”: dos dogmas às representações sociais

Jean Lauand*

Chie Hirose**

Resumo

Dentre as várias formas de catolicismo, o “catolicismo insaciável” (expressão cunhada por Julián Marías, filósofo espanhol) ocupa um lugar especial. Como a tendência dominante no pensamento islâmico, ele pretende, em última análise, que a fé deve – de modo mais ou menos direto – governar o mundo. Com base em algumas observações de Moscovici, este artigo examina, a partir de um grupo de uma comunidade do Orkut, algumas representações sociais e seu modo de surgimento nesse âmbito especial das redes sociais da Internet.

Palavras-chave: Representações Sociais; Catolicismo e realidades temporais; Moscovici; Redes Sociais.

Insatiable Catholicism and Social Representations

Abstract

Among the various forms of catholicism, “insatiable catholicism” (expression coined by the spanish philosopher Julián Marías) holds a special position. It claims (like the most of Islamic world) that in the final analysis faith should more or less directly rule the world. Based on some remarks of Moscovici, this article examines, from a group of an Orkut community, some social representations and how they arise in the special realm of social networking sites.

Key-words: Social Representations; Catholicism and secular issues; Moscovici; Social Networking.

* Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo. Prof. Titular da Feusp (aposentado). E-mail: jeanlaua@usp.br.

** Doutora em Educação pela Feusp, está cursando Pós-doutorado na Feusp. Professora da Faculdade de Pedagogia das Faculdades Integradas “Campos Salles”. E-mail: hirosec@hotmail.com.

“Catolicismo insaciável”: de los dogmas a las representaciones sociales

Resumen

De entre las diferentes formas de catolicismo, el “catolicismo insaciável” (expresión creada por Julián Marías) es de especial interés. Como la tendencia dominante en el pensamiento islámico, el “catolicismo insaciável” pretende, en último análisis, que la fe deba – de modo mas o menos directo – gobernar el mundo. Tomando como base algunas observaciones de Moscovici, este artículo examina, a partir de un grupo de una comunidad de Orkut, algunas representaciones sociales y su modo de surgimiento en ese ámbito especial de las redes sociales de Internet.

Palavras-clave: Representaciones Sociales; Catolicismo y realidades temporales; Moscovici; Redes Sociales.

Introdução

Certamente, não há homogeneidade entre os católicos e mesmo diversidade nas interpretações do catolicismo e modos de vivenciá-lo: não só nas congregações e famílias religiosas, mas também nos indivíduos: quer pertençam à hierarquia, quer sejam fiéis. Dispersos ou mesmo antagônicos são os perfis, digamos, de um Frei Betto e de um Pe. Marcelo; de João XXIII e de Bento XVI; de D. Paulo Evaristo Arns e de D. Eugênio Salles; de Pe. Quevedo e de Mons. Jonas Abib; da poetisa Adélia Prado e do deputado Jair Bolsonaro; de um São Francisco de Assis e o da Cúria Romana; dos dominicanos de Perdizes e da Opus Dei etc.

As divergências, por vezes profundas, se dão em todos os setores: na liturgia, com posturas que vão de solene recolhimento a animadas e ruidosas celebrações; na moral, do rígido apego puritano a regras à flexibilidade adaptativa; na mística (ou na refratariedade a ela...); nas interpretações da teologia e mesmo dos enunciados da fé etc.

As diferenças se dão também sobre um ponto especialmente importante para o tema da elaboração das representações sociais. Trata-se do modo de conceber a presença católica na sociedade. Nisso, como em tantos outros temas, a doutrina da

Igreja é objeto de diversas interpretações práticas, que vão do entendimento da própria fé como algo do âmbito meramente privado ao outro extremo: o de ver o catolicismo (ou o que determinado grupo considere como “o catolicismo”) como o elemento fundamental da estruturação da sociedade. Neste extremo, evidentemente, as representações sociais adquirem extraordinária importância e são objeto de especial cuidado por parte do fiel e do grupo: elas como que participam do absoluto da própria fé religiosa e o estendem a posições políticas, científicas, culturais etc.

Neste estudo, examinaremos certos pressupostos e posições tomadas por parte de um determinado tipo de católicos, que participa ativamente de uma comunidade do Orkut, denominada precisamente “Católicos”, e uns poucos exemplos de como se dão algumas representações sociais nesse Grupo (grafamos com inicial maiúscula quando nos referimos ao Grupo, à Comunidade, aos Moderadores concretos que estamos examinando neste estudo). Certamente não é nosso interesse fazer uma análise da Comunidade em si nem pretender que haja homogeneidade em seus mais de cem mil membros. E mesmo no Grupo, como que um tipo ideal (para efeitos deste artigo), não pressupomos absoluta uniformidade de posições, mas valemo-nos das postagens para efeitos de delimitação e de disponibilidade de material concreto.

Cabe aqui a consideração das análises de Moscovici (que se aplicam potenciadas no caso da profissão do catolicismo que se estende a toda uma visão de sociedade):

É por isso que a religião se justifica, que ela justifica e ressalta a sociedade aos olhos de todos. Mas, e insisto nesse ponto, se ela cimeta a vida dos homens, não é enquanto conjunto de crenças, pelo contrário, é enquanto pertencimento interior e participação em uma coletividade. Ela garante a seus membros um afluxo de vida. Exalta o ardor e o entusiasmo de que cada um necessita para continuar sua tarefa. O crente não apenas sabe coisas que o descrente ignora, ele pode também fazer melhor. Ele se sente cercado por forças superiores que o dominam e o apoiam, e participa da superioridade delas. Acredita poder vencer as dificul-

dades da existência, imprimir suas vontades ao mundo e fazê-lo responder a seus desejos. “As provações da existência encontram nele mais força de resistência; ele é capaz de coisas maiores e o prova por sua conduta. É essa influência dinâmogênica da religião que explica sua perenidade” (Durkheim). E é por meio dela que a sociedade transmite aos indivíduos que a compõem uma parte de sua onipotência e de sua personalidade. Uma parcela de sua aura brilha através de cada um (MOSCOVICI, 2011, p. 68).

E prossegue nesta mesma obra, cujo título original é *La machine à faire de dieux*:

“Desse modo [conclui com justeza Raymond Aron], se o culto se dirige às sociedades, existem apenas religiões tribais e nacionais. Nesse caso, a essência da religião seria inspirar aos homens um apego fanático a grupos parciais e consagrar o apego de cada um à coletividade e, ao mesmo tempo, a sua hostilidade aos outros”. Portanto, nenhuma religião é de amor sem ser de ódio. A menos que existam algumas de um gênero inteiramente diferente, surgidas ao longo da história. Religiões que não tivessem como vocação conservar a sociedade e lhe conferir um poder extraordinário sobre os indivíduos (MOSCOVICI, 2011, p. 69).

Naturalmente, esse sentimento de pertencimento em grupos com pretensões de totalidade da religião convida à exclusão e ao desprezo dos demais, afinal, considerados cristãos inconseqüentes, de segunda categoria e – mais não seja pelo pecado de omissão –, colaboracionistas com os inimigos de Deus. Em contrapartida, fomenta uma solidariedade, uma fraternidade dos que conjugam o “nós” no sentido de “nós outros” (em oposição ao resto), nós, os iluminados, os de Deus... Para essas comunidades, especialmente, valem as considerações de Moscovici:

Os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição (MOSCOVICI, 2011, p. 54).

Um membro que não tenha especial brilho nos âmbitos profissional ou familiar considera-se agora – pela adesão à coletividade e sua dinâmica de representações sociais – um iluminado, defensor dos direitos de Deus, membro de elite (ou da tropa de elite...) da Igreja, muito acima dos fiéis “normais”. Não subestimemos o valor que, para ele, pode ter uma palavra de aprovação, uma piscadela de cumplicidade ou um tapinha nas costas, um sorriso de camaradagem, o reconhecimento por parte dos brilhantes líderes do grupo (por vezes brilhantes apenas internamente, na valoração dos membros), ou mesmo do líder máximo, o guru que essas coletividades costumam venerar. E tudo isto contando pontos diante de Deus...

“Catolicismos” e o “*catolicismo insaciable*”

Ao contrário dos católicos comuns, que deixam ampla margem para o mundo seguir seu curso, há grupos que pretendem ordenar “catolicamente” amplos setores do social. É a esse afã que o grande filósofo espanhol Julián Marías (ele mesmo um católico exemplar, que integrou durante anos o Pontifício Conselho de Cultura de João Paulo II) denomina “*catolicismo insaciable*”, expressão por ele cunhada em 1952, em plena ditadura confessional do franquismo (naturalmente, o fenômeno não se restringe a essa circunstância histórica). Após enumerar dezenas de imposições concretas desses “insaciáveis” – que impunham opiniões políticas, estéticas, pedagógicas, filosóficas com força de dogma religioso – Marías conclui:

Tudo isto procede de um espírito, frequente em nosso catolicismo espanhol mas que não tem nada que ver com o catolicismo como tal, que se poderia chamar de “insaciabilidad”. Há na Espanha excessivas pessoas que não se contentam com que alguém seja católico; não lhes basta que se creia nos artigos da fé, que se recebam os sacramentos e que se cumpra, na medida do possível, o Decálogo¹) (MARIÁS, 1998, p. 51).

¹ Naturalmente, o artigo de Marías, “Dios y el César”, foi censurado na Espanha e só pôde ser publicado, na época, em Buenos Aires.

Não se contentam com o Credo, os sacramentos e os mandamentos: são insaciáveis! Além disso, prossegue Marías, é necessário opinar que o único catolicismo autêntico é o deles, bem como adotar certas posições políticas, com as quais não se sentem solidários católicos de outros países; e ainda crer em uma série de “dogmas” que nada têm que ver com o catolicismo. Instala-se, assim, um “sistema de exclusões”, que deixa de fora quem não professa esse “catecismo” e acaba causando enorme mal para a própria Igreja:

Tudo isto é muito grave. No âmbito religioso, se se tem fé viva e um pouco de clareza intelectual, o risco não é grande. Mas, e as pessoas de fé vacilante? E outras que, fora da fé, sentem seu chamado? Não serão afugentadas por tanta confusão? Será que muitos homens não chegarão a ser católicos ou deixem de ser católicos por conta da soberba de alguns que se acham donos de todas as verdades? (MARÍAS, 1998, p. 53)

Pode acontecer, inclusive, que nesses grupos que consideram a religião o elemento central da sociedade, as representações sociais de pontos políticos ou morais acabem por adquirir, na prática, mais peso do que a própria fé religiosa; e mesmo Deus passe a ser secundário, um suporte para avalizar a ortodoxia de suas representações sociais. Quando se observa, por exemplo, as postagens de um dos militantes do Grupo, Allan, fica-se em dúvida se o mais importante é o absoluto de Deus ou o do trono. Respondendo a um católico normal que defendia o estado laico, Allan assim se expressa:

Acho que você, pelas asneiras que fala, não sabe que todo Católico deve considerar a Monarquia objetivamente como a melhor forma de Governo (...). E o Estado tem sim todo o direito de utilizar o nome de Deus para justificar uma decisão a favor da Moral e da Fé. Não se engane, todo o poder não emana do povo!²

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5654533670814512644&na=2&nst=14>

² Parece-nos mais adequado indicar os endereços das páginas da Comunidade (acessados em 15/10/11, como todas as demais fontes da Internet) imediatamente após sua citação. Como a Comunidade exclui muitas postagens, gravamos as páginas citadas a título de documentação.

É preciso estar atento ao próprio Papa. Sim, há uma adesão incondicional ao Papa e à sua infalibilidade, mas... quando determinado ato do Papa não se ajusta às representações sociais, aí podem ser invocados expedientes explicativos, somente lembrados em situações emergenciais, como, digamos, a de que o Papa “neste caso” agiu como chefe de Estado ou diplomata. Ou, em situações mais extremas, de que a infalibilidade do Papa não é absoluta e que o próprio apóstolo Pedro errou e foi corrigido por Paulo etc. Ou ainda que a notícia foi deturpada pela imprensa (a mídia, em geral, é vista como tendenciosa contra a Igreja). Ou que razões especiais, misteriosas, justificam tal ato.

Foi assim quando, por exemplo, João Paulo II beijou o Alcorão ou, mais recentemente, quando Bento XVI homenageou Lutero (cfr. p. ex. http://www.youtube.com/watch?v=0dyGM1Y3Ft8&feature=player_embedded). Em qualquer caso, contornado o desagradável episódio, o melhor é esquecer-lo o quanto antes (esses Papas bem que podiam ter ficado quietos...), não permitir que se erija como exemplo (o Alcorão continua sendo abominável e Lutero sempre será um herege execrável) e, sobretudo, manter intactas as representações sociais...

Os casos mais radicais são contemplados no imensamente sugestivo artigo “O fanatismo religioso é um ateísmo”, no qual Gabriel Perissé diagnostica as prioridades inconfessáveis de certos grupos:

O ateísmo reside, disfarçado, atitude secreta, mas ativa, no cerne de todo fanatismo religioso (...) e há algo que os fanáticos não podem dissimular por muito tempo: o seu ateísmo.

Todo fanático religioso termina recriminando a Deus. Impaciente com a bondade divina, chateado com a misericórdia de um Deus não-fanático, o fanático gostaria de criar um novo Deus, à sua imagem e semelhança. Um Deus mais engajado, mais atento, mais preocupado com os desmandos do mundo. (...)

A obra fanática sonha recriar o mundo. Não entende como Deus pode ter sido tão descuidado, deixando tantas heresias proliferarem como moscas. Os fanáticos, reunidos semanalmente, olham para as estatísticas e planejam dar umas férias para Deus tão incompetente.

Já tentaram conversar com Deus. Numa boa. Rezaram longamente, implorando que Deus abrisse os olhos, colocasse um ponto final neste caos. Inutilmente. Deus parece estar brincando de Deus. Não se leva a sério nem leva a sério os seus fiéis servidores. Por isso, a obra fanática tomou uma decisão histórica. A partir de agora, queira Deus ou não, vamos assumir tudo por aqui. Sem alardes, mas com profissionalismo.

Chegou o momento de pôr ordem no barraco.

Se Deus perdeu a compostura, cabe aos homens de bem assumir o comando. Cabe à obra fanática, a última coisa coerente e bela neste mundo sem rumo, recolocar a humanidade nos trilhos. Se Deus quiser aproveitar a oportunidade, ótimo. Se preferir continuar fingindo que está tudo bem... problema dEle! (PERISSÉ, 2007)

Outra chave para compreender o cristianismo insaciável é seu medo. Suspeitosos, sisudos e patrulhadores por natureza, seus divulgadores acionam o alerta vermelho ante qualquer fenômeno social ou cultural que, pelas suas representações sociais, violam os desígnios de Deus (por exemplo, ainda há poucos anos, diversos setores católicos e evangélicos uniram-se em autêntica cruzada contra Harry Potter, satanizado como se o personagem fosse anticristão). Não estamos longe daquela direita cristã americana, agora tão em alta, que estabelece como exigência essencial que os candidatos sejam “God-fearing men”, tementes a Deus. O que nos faz lembrar uma cena impagável da sitcom “Everybody Loves Raymond”. Ray, ajudando Robert a pedir a mão da noiva, Amy, a seus pais fundamentalistas, indagado se eles (a família Barone) são tementes a Deus, responde com o bom humor de um católico normal: “Tementes a Deus? Vamos à missa todos os domingos. Todos nós. Somos tementes a Deus: a gente morre de medo!” (“Just a formality”, 7ª temporada, ep. 14).

Alcorão 4 x Lucas 12

Guardadas as devidas distâncias (o catolicismo é extremamente estruturado) esses grupos católicos aproximam-se do Islã e de seu ideal de uma sociedade ou mesmo Estado religioso: não é por acaso que fala-se muito em “países muçulmanos”, “países islâmicos” e não em “países cristãos”. Pensando as relações com

o mundo nas duas religiões em termos puramente teóricos, há algumas diferenças fundamentais que podem ser significativas para nossa posterior consideração das representações sociais.

Embora muito menos organizado do que o catolicismo, o Islã propende a uma união entre o religioso e o temporal. Consideremos um caso concreto no qual se manifestam as diferenças entre a visão de Jesus Cristo e a do Alcorão: o problema da herança. Por extraordinária coincidência, esse mesmo problema (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Este, que declara – algo impensável na visão muçulmana – “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus” (no Islã não sobra nada para César; tudo é de Allah), recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança.

Trata-se de um episódio evangélico aparentemente intranscendente: “um da multidão” aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais), Cristo recusa-se terminantemente a intervir na questão: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?” (Lc 12, 14). O máximo a que Ele chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e o célebre convite à contemplação: “Olhai os lírios do campo...”.

Bem diferentes são as coisas no mundo muçulmano. Roger Garaudy, no capítulo “Fé e Política” mostra como a *tawhīd* (unidade, dogma central islâmico) muçulmana se projeta sobre a política, o direito e a economia: “Deus é o único proprietário e ele é o único legislador. Tal é o princípio de base do Islã em sua visão de unidade (*tawhīd*)” (GARAUDY, 1998, p. 70).

Garaudy tem razão ao afirmar que não se dá no Islã (não há sacerdotes), uma teocracia clerical de tipo ocidental, mas é inegável que a visão muçulmana tem favorecido uma forte e arraigada teocracia e não por acaso um chefe político pode se intitular *aiatolá*, *ayyatullah*, literalmente “sinal de Deus” (o que dá margem para os “césares” exercerem seu totalitarismo).

Seja como for, o fato é que, na questão da herança, o Alcorão (4, 11 e ss.) diz concretamente:

Allah vos ordena o seguinte no que diz respeito a vossos filhos: que a porção do varão equivalha à de duas mulheres. Se estas são mais de duas, corresponder-lhes-ão dois terços da herança. Se é filha única, a metade. A cada um dos pais corresponderá um sexto da herança, se deixa filhos; mas se não tem filhos e lhe herdarem só os pais, um sexto é para a mãe.

E conclui: “De vossos ascendentes ou descendentes, não sabeis quais vos são os mais úteis. Isto compete a Allah. Allah é onisciente, sábio”.

Contrastemos com o cristianismo. Naturalmente, para um cristão, o mundo é criação de Deus e obra de sua inteligência: o mundo foi criado pelo Logos, pelo Verbum e, portanto, conhecer o mundo é conhecer sinais de Deus. E mais: cada criatura é porque é criada inteligentemente por Deus, participa do ser de Deus. O Deus cristão é Emmanuel, Deus conosco, e pela Encarnação, a eternidade de Deus ingressa na temporalidade e Cristo encabeça, recapitula (como diz o novo Catecismo da Igreja Católica) toda a realidade criada.

Daí que a Igreja se proponha a defender a lei moral como lei natural do ser do homem, que lhe foi conferido pelo ato criador do Logos. Mas, precisamente por essa mesma concepção teológica, o cristão pode afirmar a mais decidida autonomia das realidades temporais: **porque** o mundo é obra do Logos, a realidade temporal tem sua verdade própria, suas leis próprias, naturais, descartando o clericalismo.

Esta acabou por ser mesmo a doutrina do Concílio Vaticano II, que rejeita tanto o clericalismo quanto o laicismo que pretende afastar Deus da realidade social. Assim, na mesma passagem (4, 36) em que a *Lumen Gentium* afirma: “nenhuma atividade humana pode ser subtraída ao domínio de Deus”, ajunta: “é preciso reconhecer que a cidade terrena, a quem são confiados os cuidados temporais, se rege por princípios próprios”. E a *Gaudium et Spes* (1, 3, 36):

Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é absolutamente necessário exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte.

Em extremo sentido contrário, um Aiatolá Khomeini (1980) pôde afirmar:

Costuma-se dizer que a religião deve ser separada da política e que as autoridades religiosas não se devem imiscuir nos assuntos de Estado. (...) Tais afirmações só emanam dos ateus: são ditadas e espalhadas pelos imperialistas. A política estava separada da religião no tempo do Profeta? (p. 27).

O Islam tem preceitos para tudo o que diz respeito ao homem e à sociedade. Esses preceitos procedem do Todo-Poderoso e são transmitidos pelo seu Profeta e Mensageiro. (...) Não existe assunto sobre o qual o Islam não haja emitido seu juízo (p. 19). A instauração de uma ordem política secular equivale a entrar o progresso da ordem islâmica. Todo poder secular, seja qual for a forma pela qual se manifesta, é forçosamente um poder ateu, obra de Satanás. É nosso dever exterminá-lo e combater seus efeitos. (...) Não temos outra solução senão derrubar todos os governos que não repousam nos puros princípios islâmicos, sendo, portanto, corruptos e corruptores (...) É esse o dever, não só dos iranianos, mas de todos os muçulmanos do mundo (p. 23).

A situação torna-se ainda mais problemática quando lembramos que o Islã, ao contrário do cristianismo, afirma uma revelação ditada e não meramente inspirada ao hagiógrafo, como no cristianismo: se o evangelho é segundo Lucas, o Alcorão é a palavra de Deus “que desceu”. Aliás, em árabe, o verbo nazala, que se aplica à revelação divina, significa também “descer”. A

revelação de Allah e sua *tawhid* estão sinalizadas no mundo. E o princípio da unidade aplica-se à política, à cultura, às ciências etc.

Claro que os radicais cristãos podem perfeitamente tomar, em forma intocável, semelhante à muçulmana, sua própria revelação bíblica e sempre podem esgrimir, contra a autonomia das realidades temporais, suas interpretações de passagens como

Ele, o Primogênito de toda criatura, porque Nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra; as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo Nele subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito, que tem em tudo a primazia, pois Nele aprovou a Deus reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos Céus, realizando a paz pelo sangue da Sua Cruz (Cl 1, 15 e ss.)

ou

Pois a criação em expectativa anseia pela manifestação dos filhos de Deus (...) na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente (Rm 8, 19 e ss.)

Representações Sociais na Comunidade Católicos

No site do Orkut, está a comunidade Católicos (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=58612>), criada em 12/05/2004 e que contava, em outubro de 2011, com cerca de 120 mil membros e 10 moderadores.

Diferentemente de diversas comunidades de católicos do Orkut, que se dedicam a devoções, pedidos de oração ou a conversas paroquiais ou diocesanas, a Católicos se propõe balizar intelectualmente a visão católica da sociedade, defender racionalmente a Igreja, esclarecer os católicos ante os mal-entendidos e criar laços entre os irmãos. Em suas próprias palavras de apresentação:

São Pedro diz que devemos estar prontos para dar as razões da nossa esperança a quem nos perguntar (1Pe 3,15) e, em um mundo

onde os ataques à Igreja Católica são cada vez maiores, precisamos saber responder com serenidade e firmeza, para desfazer os mal-entendidos e demonstrar as falácias dos argumentos anticatólicos. No entanto, essa comunidade também tem a finalidade de criar fortes laços entre seus membros, para que possam estar rezando uns pelos outros e criando amizades sadias e sólidas.

Na prática da Comunidade, percebe-se claramente que os “falaciosos argumentos anticatólicos” não se referem só a imutáveis dogmas (Deus Uno e Trino, presença de Cristo na Eucaristia, a virgindade de Maria etc.), mas inclui muitos temas que outros católicos consideram opináveis.

Uma boa amostra do tipo de catolicismo professado pelo Grupo que rege a Comunidade é dada pelos números de algumas das enquetes:

Vocês acham que os padres deveriam usar batina?

A resposta Sim obteve 311 votos, 84%.

Católico vota contra a Igreja Católica? (Como Católico, você votará no PT mesmo sabendo que ele quer acabar com a Igreja Católica?)

Dentre as várias alternativas, a resposta: “Não!!! Sou Católico Apostólico Romano!!!” obteve 186 votos, 60%.

Você acha ser necessário esclarecer mais aos fiéis sobre o inferno, o diabo e o pecado?

As duas alternativas “Sim” obtiveram, somadas, 237 votos, 93%.

Já na enquete “A melhor forma de governo pro Brasil é: ...”, a alternativa “Governo Papal (“Entreguemos o Brasil ao Vaticano)” recebeu 62 votos (35%).

Não estamos longe daqueles “universos consensuais, a salvo de qualquer risco” de que falava Moscovici. Sob a proteção de um emaranhado de regras e a atenta vigilância dos Moderadores, sempre prontos a censurar e a expulsar os transgressores, qualquer posição extrema do Grupo é benevolmente recebida, enquanto os “outros” são tratados com dureza.

Assim, bastou um membro (católico praticante) criar um tópico “Lula não é abortista”, www.orkut.com.br/Main#Com mMMsgs?cmm=58612&tid=2487730201284166569&kw) com uma postagem serena, para o Moderador Rodolfo imediatamente retaliar: “Essa defesa de um governo corrupto aqui nessa comunidade parece-me terrivelmente descabida”. Já quando um do Grupo abre um tópico “Pelo fim do Estado laico”, Allan, um dos mais ativos militantes do Grupo pode, sem nenhum incômodo, proclamar simplesmente: “Que voltem as Monarquias confessionalmente Católica, já!” e em outro post (já citado), também sem nenhuma explicação, repreender a um que se atrevia a argumentar contra a Monarquia: “Acho que você, pelas asneiras que fala, não sabe que todo Católico deve considerar a Monarquia objetivamente como a melhor forma de Governo”. Naturalmente, nestes casos, não é aplicada a regra da Comunidade: “deve-se evitar o argumento ad hominem, o que inclui usar estereótipos como ‘você é isso, você é aquilo’ – ainda que a pessoa efetivamente o seja, é melhor desmontar seus argumentos.”

Outro episódio ilustrativo. Em 29/09/11, Danilo Gentili entrevistou, em seu programa “Agora é Tarde”, Ricardo Boechat, o âncora do “Jornal da Band”. No final, pediu que Boechat noticiasse o apocalipse, com o seguinte tele-prompt:

“E atenção: Jesus acaba de chegar à Terra. De acordo com especialistas, esta é a segunda vez que o fenômeno acontece. Por conta do evento inesperado, o Governo Federal decretou ponto facultativo. Portanto, as escolas e repartições públicas não funcionarão amanhã para o Juízo Final. Os médicos recomendam que as pessoas vistam roupas leves, bebam bastante água e evitem alimentos gordurosos. O Vaticano pede que todos mantenham a calma e também informou que os lugares perto do palco já estão esgotados. Boa sorte e salve-se quem puder.”

(www.youtube.com/watch?v=qVlo0DTsJzs&feature=related).

O efeito foi hilariante e não houve, para nenhum bom católico corrente, nenhuma irreverência, mas apenas uma piada genial. Na Comunidade, porém, logo houve um tópico a respeito “Humor ou desrespeito a Jesus??”, que começou assim:

Marcos: Isso é um desrespeito muito grande com o nosso senhor Jesus Cristo!

Eder: Esse cara não deve ter religião e nem saber o que é isso, é um imbecil inconsequente que não respeita nada e um dia vai ter que prestar contas a Deus.

Antonio: Esse jornalista é Ateu! E O PROGRAMA É DO ANTICRISTO

[E para os que se atreveram a dizer que era apenas humor e não blasfêmia:]

Antonio: Vocês de cima [das postagens anteriores] nem parece que são cristãos católicos. Nenhum denuncia esse jornalista estão fazendo, só ficam assistindo TV achando que tudo é normal. É humor pra eles e desrespeito para nós que somos cristãos. A Band nem precisa falar né? Ai o Ricardo foi nesse programa e pediram ele para ler aquilo, ele como um ateu, não si (sic) importou e apenas leu. O que eles querem é banalizar o assunto para ficar cada vez mais desacreditável (sic).

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5660441861949208365>

O dono e os Moderadores (que, como se sabe, podem suprimir mensagens e expulsar membros), junto com algumas poucas dezenas de outros participantes, mostram certo consenso sobre os temas e a “correta” posição católica sobre o tema. Os demais membros que postam e opinam, relativamente poucos, são, com frequência, censurados (muitas páginas de tópicos ostentam o aviso do Orkut: “Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão”) e, por vezes, excluídos da Comunidade.

Para os critérios de participação, há um tópico do dono, com link na Descrição: “Regras da Comunidade” (com 7 páginas e 104 postagens...). Já no começo da enumeração das regras, um membro não alinhado e proibido pelo Dono de tratar do assunto maçonaria (sob pena de expulsão) pergunta:

Eu gostaria de saber se posso ficar na comunidade e falar sobre qualquer assunto menos maçonaria? Já me desgastei e me nego

a continuar a falar sobre o assunto, e gostaria de ser respeitado por ter esta opinião, é possível?

(<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5261492537130392310&na=3&nst=11&nid=58612-5261492537130392310-5262426649570027792>)

Um membro do Grupo, Pedro, responde imediatamente: “Que opinião? A Igreja já deixou mais do [que] clara a condenação à maçonaria!”

Na verdade, desde o Concílio Vaticano II e o novo Código de Direito Canônico (de 1983, que sequer menciona nominalmente a maçonaria), a Igreja tem atenuado as formas de condenação (já não há mais a excomunhão *ipso facto*, vigente ainda no Código de 1917, para o católico que se inscreva na maçonaria) e mesmo o insuspeito D. Eugênio Salles chega a afirmar: “quem a elas [associações maçônicas] se associar de boa fé e ignorando penalidades, não pecou gravemente.” Afinal, o mundo, a maçonaria e a Igreja não são mais os mesmos de 1738, quando o papa Clemente XII condenou a instituição. (<http://catolicosconservadores.wordpress.com/2011/06/09/a-igreja-e-a-maconaria-por-d-eugenio-sales/>)

Mas na discussão temática sobre a maçonaria, que gerou a ameaça ao dissidente Peter, a Moderadora Ana Maria, em seus posts limita-se a longas citações de Leão XIII (!) para concluir: “Não existe reconhecimento pela Igreja, muito pelo contrário, existe condenação explícita...” e interpela o dissidente, insinuando motivações escusas em seu interesse pela maçonaria: “Escolha: Cristo ou os homens e os bens.” (<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=1662093&kw=ma%C3%A7onaria&na=3&nst=31&nid=58612-1662093-5291475772545537776>).

Postar uma citação anacrônica e descabida não intimida a Moderadora: ela se sabe amparada pelo Grupo e seu poder de censura. Pode-se, assim, ajudar à representação social que o Grupo constrói da Maçonaria. Se, em um caso normal, isto já é uma aspiração significativa (como mostra Moscovici, citado a seguir), no caso desse Grupo há a motivação adicional de colaborar com essa obra de Deus.

O conhecimento penetra no “mundo da conversação”, prosseguindo as permutas verbais depois de certo tempo. Uma frase, um enigma, uma teoria, apanhados no ar, aguçam a curiosidade, prendem a atenção. Fragmentos de diálogo, leituras descontínuas, expressões ouvidas algures retornam ao espírito dos interlocutores, misturam-se às suas impressões; brotam as recordações, as experiências comuns apossam-se delas. Graças a esses falatórios, não só as informações são transmitidas e os hábitos do grupo confirmados, mas cada um adquire uma competência enciclopédica acerca do que é objeto da discussão. À medida que a conversa coletiva progride, a elocução regulariza-se, as expressões ganham em precisão. As atitudes ordenam-se, os valores tomam seus lugares, a sociedade começa a ser habitada por novas frases e visões. E cada um fica ávido por transmitir o seu saber e conservar um lugar no círculo de atenção que rodeia aqueles que “estão ao corrente”, cada um documenta-se aqui e ali para continuar “no páreo” (MOSCOVICI, 1978, p. 53).

A “Ciência” em defesa da fé e da moral: as representações sociais

Deixando de lado as representações sociais de temas clássicos da apologética (defesa da Igreja nos casos da Inquisição, Cruzadas, Galileu etc., disponíveis para quem acionar o buscador do fórum da Comunidade), vamos examinar um par de temas mais originais.

Como vimos, o objetivo da Comunidade é proporcionar argumentação racional para os católicos “em um mundo onde os ataques à Igreja Católica são cada vez maiores”.

Assim, por exemplo, ao propor a educação separada dos sexos nas escolas (propugnada por alguns grupos radicais católicos), isso não é apresentado como uma configuração de tipo religioso (que, por exemplo, facilita a prática da castidade e o proselitismo das instituições católicas que dirigem ou inspiram essas escolas: Legionários de Cristo, Arautos do Evangelho, Opus Dei etc.). É necessário apresentar as coisas como puramente científicas: “A escola não-mista foi alvo dos moderninhos, mas recentemente, alguns estão se convencendo de que é o melhor

modelo. Mulheres e homens amadurecem de modos distintos e em idades distintas”, diz o Moderador Rafael. “A educação separada é apenas para acompanhar as diferenças entre meninos e meninas. Todos sabemos que meninos e meninas apresentam um ritmo diferente, por isso a educação rende mais, fica mais homogênea”, posta Karina. (www.orkut.com.br/Main#CommM sgs?cmm=58612&tid=2530505324646792979&kw)

Outro exemplo é a justificativa da proibição eclesiástica do uso da camisinha. É à ciência que o Moderador Rodolfo recorre e oferece à Comunidade uma versão “científica” (e, naturalmente, o Grupo pode se dispensar de discutir criticamente o valor científico da colocação). Os argumentos procedem de um artigo de D. Rafael Llano Cifuentes, líder católico admirado incondicionalmente pelo Grupo por vários títulos: numerário da Opus Dei; bispo (atualmente, emérito de Nova Friburgo); na época do artigo, 12/11/2003, presidente da Comissão Família e Vida da CNBB etc.

Por mais inconsistente e pseudocientífico que seja em sua argumentação, o artigo de D. Rafael, “Carta às famílias do Brasil: a educação afetiva e sexual dos filhos e o uso do preservativo como inibidor da Aids”, continua sendo, ainda hoje, utilizado por vários setores católicos. A seguir, iremos contrapor trechos do artigo (na íntegra em <http://www.universocatolico.com.br/index.php?/uso-do-preservativo-como-inibidor-da-aids.html>) à crítica já feita, há alguns anos, no blog de Dario Fortes Ferreira (<http://blogdodario.blogspot.com/2007/07/camisinha-como-o-opus-dei-argumenta.html>):

[DFF] Em 12-11-03, D. Rafael Llano Cifuentes, bispo e numerário do Opus Dei, então presidente da Comissão Família e Vida da CNBB, publicou: “Carta às famílias do Brasil: a educação afetiva e sexual dos filhos e o uso do preservativo como inibidor da Aids”. O objetivo é claro: ele, como intelectual entre os bispos, defenderá “cientificamente” aquilo que seus colegas pregam de modo meramente pastoral...

[D. Rafael] Ultimamente, têm aparecido, nos jornais, revistas e televisão – inclusive num programa de grande audiência – ataques

a nossa grande família que é a Igreja, chamando-a de “retrógrada” e “medieval”, e tratando o Cardeal Alfonso López Trujillo, que trabalha no Vaticano como Presidente do Pontifício Conselho para a Família, de uma maneira afrontosa. Culpam-no, erradamente, de não ter apresentado nenhuma pesquisa sobre a ineficácia dos preservativos. Também por esta razão nos vimos obrigados a citar bastantes pesquisas sobre esta matéria.

[DFF] Ao ler esta abertura, o católico pensante, que adora apoiar-se em pesquisas científicas para justificar sua fé, já fica antegozando o resultado: as pesquisas científicas. E D. Rafael aguça esse apetite:

[D. Rafael] Estes argumentos [a favor do preservativo] parecem tão contundentes que não poucos católicos ficam perplexos. Talvez não cheguem a contradizer abertamente a posição da Igreja, mas ficam com dúvidas ou acuados ou, pelo menos, fragilizados.

[DFF] Pouco depois, D. Rafael começa citando autoridades científicas:

[D. Rafael] O eminente descobridor do HIV, Luc Montagnier, não se recusou a comprometer-se a fundo ao indicar como deveriam ser as campanhas contra a AIDS: “são necessárias campanhas contra práticas sexuais contrárias à natureza biológica do homem. E, sobretudo, há que educar a juventude contra o risco da promiscuidade e o vagabundeio sexual”. Note-se que não é o Padre que fala no confessional, mas o cientista-descobridor do HIV.

[DFF] O que D. Rafael não cita é o pensamento completo de Luc Montagnier, como quando ele diz: “Eu penso que a campanha de disponibilizar preservativos para os jovens a 0.16 euros é muito importante e isso deveria ser generalizado. De fato, o perigo está presente e há poucas campanhas nacionais voltadas para os jovens. Muitas farmácias vendem preservativos a preços proibitivos para os jovens. O efeito dessa campanha de preços acessíveis é notável. Certamente, o preservativo não é a única atitude de prevenção: gosto de lembrar que a limitação do número de parceiros e a fidelidade recíproca são também atitudes responsáveis.”

[D. Rafael] Uma fonte da Internet subscrive: “Em maio de 2003, um estudo realizado na França pelo “Instituto da Saúde e da

Pesquisa Médica”, põe os cabelos em pé, ao indicar que a metade dos preservativos usados se rompe ou se utiliza mal: há, portanto, segundo esse estudo, somente uns 50% de eficácia prática dos preservativos. A eficácia teórica, realizada no laboratório em condições ideais, é bem diferente da eficácia alcançada no uso prático dos preservativos”.

[DFF] O leitor fica se perguntando: que “fonte” será essa? Por que ele a indica, assim veladamente, se os dados que ela traz são tão importantes?

[D. Rafael] Esta mesma fonte acrescenta: “Toda sociedade se fundamenta na confiança que os cidadãos têm nos responsáveis políticos, escolhidos democraticamente nas urnas, por isso mesmo não há nada mais decepcionante que a queda dessa confiança. Confiamos em que os responsáveis políticos haverão tomado nota destes importantes estudos que se acabam de citar, para agir em consequência, já que não se pode brincar com a saúde dos cidadãos”.

[DFF] A verdade é que não se trata de fonte alguma, nem de citação alguma. O site que Dom Rafael indica não é de fonte, mas de um obscuro senhor José Javier Ávila Martínez e de seu site, que de fonte não têm nada. Esse senhor Ávila Martínez só aparece no Google como membro do Opus Dei e secretário do Colégio Tajamar (também do Opus Dei) em Madrid. Esse seu não fundamentado “dado” (o de que o instituto francês teria anunciado que 50% dos preservativos não funcionam!!) já foi retirado de seu site e só consta (sempre sem a indicação da suposta fonte) em meia dúzia de “fontes” reprodutoras do Opus Dei ou similares... Só uma pessoa que jamais usou um preservativo é capaz de acreditar em uma besteira desse porte! (...) Mas o melhor ainda está por vir: a candura com que D. Rafael contempla rapidamente o milagre de Uganda! Nenhuma discussão ideológica, nem uma palavra sobre as pressões de Bush, nenhuma voz contrária: para ele, o fato é simples: todos os ugandenses vivem a castidade, não usam preservativo e a Aids foi erradicada.

[D. Rafael] Menciona-se o caso de Uganda que, em 1991, contava com uma taxa de infecção de 20%, enquanto que no ano de 2002 tinha descido aos 6%, em virtude de uma política sanitária

centrada na fidelidade e na abstinência, não no preservativo.
[DFF] A fonte indicada? O boletim Aceprensa, feito pelo Opus Dei e que se encontra em todos os seus centros.

Provavelmente, os católicos insaciáveis não se importarão com o desmascaramento do caráter científico da argumentação de que estavam se valendo, mesmo porque não estavam interessados propriamente na ciência, mas simplesmente em instrumentalizar a “ciência” ideologicamente. Como consideram o conteúdo algo do interesse de Deus, pouco lhes interessa que seja correto ou não: é para Deus e isto basta.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos caracterizar o espírito religioso que pretende informar a sociedade como um todo e vimos que essa é uma tendência que, em termos abstratos, seria mais adequada ao Islã do que ao cristianismo. Detivemo-nos um pouco mais no “catolicismo insaciável” e procuramos relacionar algumas observações de Moscovici a representações sociais de um Grupo de uma comunidade orkutiana (a bem da verdade, não a mais extremista). Faltaria analisar se e como o próprio meio – rede de comunicações na Internet – afeta as representações sociais nele construídas. Mas isto já comportaria um novo estudo.

Referências

AIATOLÁ KHOMEINI. **Livro verde dos princípios políticos, filosóficos, sociais e religiosos**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

CIFUENTES, R. L. Carta às famílias do Brasil: a educação afetiva e sexual dos filhos e o uso do preservativo como inibidor da Aids. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br/index.php?/uso-do-preservativo-como-inibidor-da-aids.html>>, acesso em 21/10/11.

FERREIRA, D. F. A camisinha... Como o Opus Dei argumenta cientificamente? Disponível em <<http://blogdodario.blogspot.com/2007/07/camisinha-como-o-opus-dei-argumenta.html>>, acesso em 21/10/11.

GARAUDY, R. **Promessas do Islam**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MARÍAS, J. **Sobre el Cristianismo**. Barcelona: Planeta, 1998

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PERISSÉ, G. O fanatismo religioso é um ateísmo. In: **Correio da Cidadania** 04/09/2007. Disponível em: <http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=809:perisse040907&catid=18:gabriel-perisse&Itemid=95>, acesso em: 21 out. 2011.

Submetido em: 27/12/2011

Aceito em: 7/7/2012